A ergatividade Katukína frente às mudanças de valência

Francesc Queixalós
(IRD, CNRS & UnB)

Minha idéia com esta apresentação é estabelecer as bases de um programa de pesquisa sobre as mudanças de valência como reativo à hierarquia dos argumentos da oração transitiva dentro do padrão ergativo de alinhamento. Para isso, mostro como, no Katukína, chegamos a resultados contraditórios quando comparamos a hierarquia dos argumentos tal como surge dos fatos de mudanças de valência, e tal como ela surge dos alinhamentos de codificação e comportamento nos padrões oracionais básicos. Em seguida, faço algumas colocações sobre o significado do dito desajuste.

Sendo que os tais alinhamentos no Katukína já devem ser mais ou menos familiares para os membros do grupo (Queixalós 2002), acho que uma síntese rápida deles é suficiente antes de entrar nas mudanças de valência.

1 Hierarquia

Nos padrões oracionais básicos, 1) há alinhamento entre o argumento VERBado da construção transitiva e o argumento único (UNIC) da construção intransitiva; o argumento VERBador da construção transitiva recebe um tratamento diferente; 2) em consonância com este alinhamento, o VERBado aparece como privilegiado no acesso a diversas operações sintáticas. Aproveito o ensejo da redação deste texto para

1) realizar uma experiência terminológica que poderia ser uma forma de obviar os inconvenientes do emprego tanto das siglas A/O (e outras semelhantes, mistura de morfossintaxe e semântica) quanto dos termos "agente/paciente" (específicos demais para se adequar a todas as situações); a experiência consiste em identificar os participantes do verbo 'cortar' como CORTador e CORTado, os de 'ouvir' como OUVidor e OUVido, os de 'receber' como RECEBidor e RECEBido, os de 'aturar' como ATURador e ATURado; em síntese, um verbo *divalente ativo básico* tem um VERBador e um VERBado; já no nível dos papéis semânticos, o CORTador é um agente, o OUVidor um experienciador, o RECEBidor um destinatário, e o ATURador um paciente; em uma situação de intransitividade cindida, uns sujeitos tem propriedades de VERBador e outros de VERBado; com verbos trivalentes onde os três argumentos apresentem propriedades diferentes, haverá um VERBador, um VERBado e um terceiro distinto; em umas línguas o VERBado é o paciente, em outras o destinatário; nas variações de valência, seguimos o rastro dos VERBador/VERBado básicos ou iniciais, e vemos, eventualmente, outros participantes ocupar as posições de VERBador/VERBado.

2) apresentar os exemplos Katukína em uma forma ditada pela nova análise que faço da morfologia do sintagma com argumento interno: o que era, nas minhas apresentações anteriores,

(a) SN n-a-NÚCLEO

onde **n-** é marca de contigüidade entre núcleo e argumento interno, e **a-** marca de terceira pessoa, também presente em

(b) **a-NÚCLEO**

passa a ser

(c) **SN-na NÚCLEO**

onde **-na** é marca de caso; esta nova análise é decorrente da descoberta, na variedade do rio Biá (janeiro 2003), de uma marca oblíqua de alativo **-na**, que suponho esteja na origem da marcação do genitivo, do ergativo, e do complemento de posposição; o exemplo (17) contem os três; a forma do sintagma com argumento interno, seja este um nome léxico ou um índice pessoal, é doravante:

(d) **<SN-Caso> >Índice-<NÚCLEO**

A notação $\langle X \rangle W \rangle Y \langle$, uma adaptação da notação $\langle X \rangle W \langle Y \rangle$ do *Sound Pattern of English*, esquematiza as seqüências XW, WY, excluindo as seqüências W, XWY (ou seja: só X ou Y ocorre). A representação (a) é mais conforme com a pronúncia. A representação (c) mais conforme com a hipótese que na diacronia, uma marca de caso — sufixo ou enclítico — se procliticizou fonologicamente ao núcleo¹.

1.1 Morfologia

Em uma construção transitiva básica, o participante VERBador não instanciado por um sintagma nominal é representado pronominalmente na morfologia verbal. Nem o VERBado nem o UNIC são.

(1) **a-bu tukuna**
3^oSingular-Fazer Humanos
'ele criou os humanos'

(2) **tyuku owa:pa**
Morrer Cachorro
'o cachorro morreu'

Só há uma forma de representar pronominalmente o VERBado e o UNIC: o paradigma de pronomes livres.

(3) **a-bu anyan**
3^oSingular-Fazer 'Ele
'ele o criou'

(4) **tyuku anyan**
Morrer Ele
'ele morreu'

¹ Uma subclasse de posposições em Ráma sofreu um processo análogo (Craig & Hale 1988).

1.2 Constituição

O sintagma nominal VERBado ou UNIC é externo ao sintagma encabeçado pelo verbo.

(5) **[a-bu]** **[tukuna]**
 3^oSingular-Fazer Humanos
 'ele criou os humanos'

(6) **[tyuku]** **[owa:pa]**
 Morrer Cachorro
 'o cachorro morreu'

O sintagma nominal VERBador é interno ao sintagma verbal.

(7) **[Tamakori-na bu]** **[tukuna]**
 T.-Caso Fazer Humanos
 'Tamakori criou os humanos'

1.3 Extração

- O VERBado e o UNIC podem se *movimentar* ou se *elidir*. Nada mais muda na construção. A extração do VERBador de dentro do sintagma verbal acarreta a ocorrência do paradigma de prefixos pessoais. Veja (5).

- A *interrogação* de constituinte se faz com o apagamento do constituinte interrogado e a presença, em início de oração, de uma forma pronominal especializada. Nada mais muda na construção quando se trata de perguntar pelo VERBado ou o UNIC.

(8) **hanian tu** **Nodia-na bobo ?**
 Quem *Negação*² N.-Caso Bater
 'em quem bateu Nodia?'

(9) **hanian kitan ?**
 Quem Dormir
 'quem dormiu?'

Porém, a interrogação do VERBador é mediada pela forma antipassiva do verbo, em que **wa-** ocupa a posição do prefixo verbal, neutralizando as distinções de pessoa e número. Em decorrência, o verbo é intransitivizado e o VERBador perde a marca de caso **-na**, já que ele não é mais interno ao sintagma verbal. A presença do VERBado inicial é opcional. Quando ele aparece, como em (10), é sem marca alguma.

(10) **hanian tu** **adu wa-pikik** **a niama**
 Quem *Negação* Eu *Antipassivo*-Jogar ? Então
 'quem está pingando em mim?'

Os argumentos apresentam essas mesmas propriedades nos casos de focalização, pronominalização por demonstrativo, relativização, nominalização: o VERBado e o UNIC

² Está em andamento a identificação do papel da negação, provavelmente relacionado com a rematização.

acessam tais operações diretamente, o VERBador só o faz a través da forma antipassiva do verbo.

Para concluir esta parte sobre a hierarquia nos padrões oracionais básicos, lembro que existem duas cisões. No nível da morfologia e da constituição, temos um alinhamento acusativo provavelmente induzido por um VERBado genérico: verbo sem morfologia pessoal, sintagma verbal incluindo o VERBado na posição que antecede o verbo, sintagma nominal VERBador externo e pós-verbal. Já na correferência, nos deparamos com o que parece ser uma ausência de pivô no que tange ao controlador: tanto o VERBador quanto o VERBado da construção ergativa podem controlar uma marca de posse ou uma anáfora vácuca fonologicamente. Esta última, quando está na posição de controlado de uma construção subordinada (presumivelmente) não finita, representa o VERBado. Se o sintagma nominal VERBador faltar nessa construção, ele estará representado por um prefixo verbal.

2 Mudanças de valência

Mais do que de mudanças de valência, trata-se de mudanças na estrutura argumental do predicado, com o sem mudança na valência.

2.1 Incorporação nominal

Os nomes dependentes ("inalienáveis") são prefixados pelo mesmo paradigma pessoal que aparece nos verbos transitivos.

- (11) **a-pori**
3º Singular-Costas
 'as costas dele'

Esses nomes, quando em posição de VERBado inicial, podem se incorporar ao verbo. O referente do prefixo pessoal de (11) aparecerá na posição liberada:

- (12) **a-pori-otyik Kilak wa**
3º -Costas-Arranhar K. Modalidade³
 'ele arranhou o Kilak nas costas'

Note-se que o prefixo de 3º pessoa em (12) não refere mais o "dono" das 'costas' como em (11), e sim o VERBador de 'arranhar'. O "dono" das 'costas' foi promovido a argumento externo.

2.2 Aplicativo

Um participante codificado como oblíquo se torna argumento nuclear. O efeito é, em ausência de outros fatores, um aumento da valência.

- (13) **hoki Kariwa Poroya-na katu**
 Conversar NãoÍndio P.-Caso Posposição
 'o não-índio conversou com o Poroya'

³ Não tenho claro o significado preciso desta marca.

- (14) **Kariwa-na katu-hoki Poroya**
 NãoÍndio-Caso *Aplicativo*-Conversar P.
 'o não-índio conversou com o Poroya'

A posposição **katu** de (13) é incorporada ao sintagma verbal de (14) como morfema aplicativo, aumentando a valência do verbo **hoki. Poroya**, incluído no sintagma posposicional em (13), assume a posição de VERBado em (14), perdendo sua marca de caso (complemento de posposição). **Kariwa**, UNIC em (13), entra como VERBador em (14), captando a marca de caso (ergativo).

2.3 Transformação dativa

Não tenho certeza de que existam verbos trivalentes em Katukína, fora tal vez o verbo 'dizer' (literalmente 'fazer'), que se constrói mediante um fragmento de discurso direto (entre colchetes no exemplo) com propriedades formais ainda por definir, e um destinatário como VERBado.

- (15) [**kaina moroho idik wa-binik**] **tyo...**
 Sapo sp. Tu *Antipassivo*-Engolher *Modalidade*
 '[foi o sapo sp. que te engoliu],...

...Tamakori-na man niama Kirak
 T.-Caso Fazer Então K.
 ...o Tamakori disse então ao Kirak'

A construção com um verbo semanticamente equivalente a 'dar' é

- (16) **Yowai-na nuhuk poako Nodia-na ton**
 Y.-Caso Dar Remo N.-Caso *Posposição*
 'o Yowai deu remo ao Nodia'

A coisa transferida é selecionada como VERBado. O destinatário aparece marcado como oblíquo. Sua natureza sintaticamente nuclear não tem sido definitivamente estabelecida. Existe por enquanto um só indício nesse sentido: a capacidade de controlar a correferência, que o assemelha aos VERBador e VERBado.

- (17) **Lazaro-na nuhuk atya tyara...**
 Lázaro-Caso Dar Meu Terçado
 'o Lázaro deu o meu terçado...

...Makuana-na obatyawa-na ton kanpopa ninwu
 M.-Caso Esposa-Caso *Posposição* capinar *Finalidade*
 ...à mulher do Makuana para *ela* capinar'

Não existe nada parecido com uma promoção do destinatário para VERBado.

- (18) ***i-nuhuk Mayon poako**
 1ª Singular-Dar M. Remo
 literalmente: 'eu dei o Mayon o remo'

Quando essa construção é proposta ao falante, o Mayon deixa de ser interpretado como destinatário e passa a ser visto como coisa transferida, em uma leitura compárvavel com

- (19) **itsaro-na nuhuk adu**
 Mulher-*Caso* Dar Eu
 'a mulher me deu [para alguém]'

O papel semântico assumido pelo VERBado aqui mostra que não há como supor que temos em (19) um VERBado de tipo 'remo' representado por uma anáfora vácuca fonologicamente. Destarte, um destinatário para (19) pode perfeitamente aparecer, na sua forma normal de oblíquo.

- (20) **Poroya-na nuhuk adu Makuana-na ton**
 P.-*Caso* Dar Eu M.-*Caso* *Posposição*
 'Poroya me deu ao Makuana'

Já a través da construção applicativa é possível promover um oblíquo a VERBado, como temos visto em (14). Mas, igual ao que acontece com o verbo 'dar', não há como suscitar o aparecimento de um duplo VERBado, o inicial mais o promovido. O que temos e uma rejeição do VERBado inicial para nome incorporado, permitindo a entrada, no seu lugar, do referente promovido. (Esta parece ser a única possibilidade de se observar a incorporação de um nome não dependente.)

Em (21), o paciente 'cipó' como VERBado:

- (21) **a-tokman koli?on**
 3^o*Singular*-Cortar Cipó
 'ele cortou o cipó'

Em (22), um detriméntário, 'onça', entra como VERBado, mediante duas manipulações no verbo: 1) a inclusão de um morfema applicativo, 2) a incorporação do VERBado inicial 'cipó'.

- (22) **a-o-kori?on-tokman pi:da**
 3^o*Singular*-*Applicativo*-Cipó-Cortar Onça
 'ele cortou o cipó da onça'

(A onça estava pendurada de um cipó; segue no texto um intransitivo cujo UNIC tem seu antecedente no VERBado promovido de (22):

- (23) **dapokidyi niama**
 Cair Então
 'então ela caiu'.)

2.4 Causativo

Há duas formas de causativo, uma com o verbo 'fazer', **man**, a outra com um morfema **tiki** que não é exatamente um verbo mas que na construção causativa adota a mesma distribuição que 'fazer'. Ignoro qual seria a diferença semântica entre as duas. O novo participante, o causador, é o VERBador de uma construção divalente.

- (24) **bak barahai**
SerBom CarneDeCaça
'a carne é boa'
- (25) **aobatyawa-na bak-man barahai**
MulherDele-Caso SerBom-Fazer CarneDeCaça
'a mulher dele melhorou a carne'
- (26) **aobatyawa-na bak-tiki barahai**
MulherDele-Caso SerBom-Causativo CarneDeCaça
'a mulher dele ajeitou a carne'

(Traduções do informante. Os dados não contêm exemplos de causativo de verbo divalente que sejam claros o suficiente para poderem ser apresentados aqui.)

3 Discussão

Os fatos aduzidos na seção 1 mostram que a construção ativa básica divalente encerra uma hierarquia dos seus argumentos em que o VERBado é proeminente em relação ao VERBador, junto com um alinhamento do VERBado com o UNIC. Só a correferência não vem reforçar esse padrão, sem, porém, contradizê-lo. Se as funções sintáticas sujeito/objeto têm seu fundamento na sintaxe, estamos frente a uma organização da oração em que tudo o que supõe uma assimetria entre os argumentos da construção ativa básica divalente indica o VERBado como sujeito e o VERBador como objeto. O Katukína seria uma língua sintaticamente ergativa.

A seção 2 ilustra uma situação diferente, na verdade contraditória com a da seção que a precede. 1) Na incorporação nominal, é o VERBado que se incorpora. 2) Também na incorporação nominal, é a posição do VERBado que hospeda o participante promovido (o "possuidor"). 3) No aplicativo, o novo participante se encontra igualmente hospedado pela posição do VERBado. Fatos esses que apontam para uma identificação do VERBado com a função objeto. 4) No causativo, à sua vez, é a posição do VERBador que hospeda o novo participante (o causador). O que constitui uma indicação de que o VERBador seria o sujeito da construção divalente básica. Se juntarmos as conclusões a que nos levam os resultados sintetizados em 1), 2), 3) e 4), as mudanças na estrutura argumental dos verbos são o indicador de uma sintaxe acusativa.

Baker (1988 : 427-428) supõe que uma sintaxe⁴ acusativa e uma sintaxe ergativa deveriam apresentar uma simetria radical nos seus padrões de constituência : na primeira, o VERBador é externo e o VERBado interno ao sintagma verbal; na segunda, o VERBado é externo e o VERBador interno ao sintagma verbal. Daí se segue um corolário : a simetria deve se estender às mudanças na estrutura argumental. E a predição decorrente: assim como na sintaxe acusativa é o VERBado que se incorpora, por ser ele o argumento interno, em uma sintaxe ergativa é o VERBador que deveria se incorporar, pelo mesmo motivo. Como para Baker as mudanças de valência, especificamente a incorporação⁵, são sintomas do tipo de sintaxe que se tem na língua, a falta de base empírica para afirmar que a incorporação do VERBador é outra coisa que um acidente extremamente incomum e atípico, o leva a duvidar que uma sintaxe ergativa possa existir (como também duvida, com base nos padrões de incorporação observáveis, da existência de uma sintaxe não configuracional). Ora, o Katukína

⁴ Uma "D-structure", nos seus termos.

⁵ Que, na sua perspectiva, não se limita à incorporação de nomes.

mostra que o padrão de constituição com VERBador interno existe⁶. No entanto, a forma em que sua incorporação se dá contradiz a predição de Baker, já que o VERBado é quem se incorpora. Nosso problema fica intato.

Passo agora a interpretar as observações apresentadas na seção sobre a transformação dativa. Marantz (1985 : 203) faz a predição de que em um padrão de acusatividade sintática, a transformação dativa, que promove um participante à posição do VERBado, induz uma construção de duplo objeto. O Kinyarwanda, segundo Kimenyi (1980) citado por Marantz (1985 : 239) seria exemplo de língua cuja gramática gera um duplo acusativo (morfologia) que é ao mesmo tempo um duplo objeto (sintaxe). Sabemos que o matsés, tal como analisado por David Fleck (2003a), está longe de ser uma língua de sintaxe predominantemente ergativa. E ela possui não só um duplo absoluto (morfologia) como também um verdadeiro duplo objeto (sintaxe). Segundo Marantz, em um padrão de ergatividade sintática não se pode ter duplicação das propriedades formais do VERBado, porque essas propriedades pertencem ao sujeito, que o VERBado é de fato. O participante promovido só pode *usurpar*⁷ a posição do VERBado, devendo este — mais propriamente: seu referente — ser relegado para oblíquo (comitativo em Dyirbal, instrumental em Esquimal central ártico). A predição se verifica para o Katukína: com o que poderia ser um verbo lexicalmente trivalente, 'dar', a promoção é bloqueada, veja exemplos (18)-(20); e com a construção applicativa, o VERBado inicial é relegado, não para oblíquo, mas para nome incorporado, veja exemplos (21)-(22). Essa verificação da hipótese, porém, se assemelha mais a uma *não contradição* do que a uma comprovação: a não duplicação das propriedades formais do VERBado pode ser devida ao fato de o VERBado ser o sujeito em um padrão de sintaxe ergativa ou, alternativamente, ao fato de, em um padrão de sintaxe acusativa, a língua simplesmente não contemplar esse mecanismo de duplicação do objeto, à semelhança do causativo francês por exemplo. Há múltiplos exemplos de gramáticas onde as variações de valência incrementais não geram nenhuma duplicação de função e/ou caso (para línguas ergativas, veja de Guzman 1992, Mithun 1994, 2000, e Weir 1990). Considero, por tanto, neutros os fatos apresentados na seção sobre a transformação dativa. Neutros, entendo, no que diz respeito à acusatividade ou à ergatividade da sintaxe da língua.

A síntese das observações é que o Katukína apresenta uma cisão na sua sintaxe que pode ser resumida como aparece a seguir:

- a acessibilidade a operações de elisão, movimento, interrogação, focalização, pronominalização por demonstrativo, relativização e nominalização aponta para um padrão ergativo — VERBado sujeito —, em conformidade com a morfologia e a constituição;
- as posições de origem ou de destino dos sintagmas nominais nas operações de incorporação, applicativo e causativo, apontam para um padrão acusativo — VERBador sujeito.

Duas pistas de interpretação desta realidade complexa são possíveis. Não estou em capacidade de fazer outra coisa do que evocá-las.

A tradição de falar em termos de funções sintáticas sujeito, objeto, etc. quando se trata de variações da estrutura argumental tais como incorporação, applicativo e causativo, é um erro (embora o causativo — junto com o passivo — seja visto por Keenan & Comrie 1977 como sendo submetido à mesma hierarquia de acessibilidade que estabelecem para a relativização). A consideração de quem se mexe, e para onde, deve levar em conta não a morfossintaxe propriamente dita, e sim a grade semântica da participação, tal vez só em um nível tão geral

⁶ Dixon já tinha dito isso acerca do Dyirbal (1972 : 137).

⁷ O termo é meu, FQ.

quanto a simples distinção entre agente / não agente. Por exemplo: no causativo, um agente (o causador) vai para uma posição (típica) de agente; no aplicativo, um não agente vai para uma posição de não agente, etc.⁸ Aplicando esta linha de raciocínio ao caso da incorporação nominal seríamos levados a dizer que

a incorporação só atinge não agentes,

generalização mais simples do que a usual:

a incorporação só atinge não sujeitos, com a ressalva de que pode ser observada a incorporação de sujeitos de inacusativos e, inclusive, de sujeitos de transitivo não agentivos (ou não 'mental state' ou coisa do gênero).

Durante o encontro, especialistas em comparatismo caribe (Spike Gildea, Sérgio Meira) sugeriram a segunda pista, diacrônica, com uma linda metáfora. Se o padrão básico ergativo observado hoje é o resultado de uma evolução radical que aconteceu a partir de um padrão geral acusativo, os padrões acusativos revelados pelas mudanças na estrutura argumental são remanescentes da época acusativa. A metáfora é a falha geológica, que faz com que camadas cronologicamente contemporâneas umas das outras não coincidam mais em um corte sincrônico feito hoje.

Tomemos como exemplo a incorporação katukína. O fato de ela obedecer a uma sintaxe acusativa no sentido anotado acima — é o VERBado quem se incorpora — dever-se-ia a sua antigüidade, superior, no mínimo, à antigüidade do padrão ergativo nas construções básicas: continua se incorporando o argumento que se incorporava no bojo do padrão acusativo⁹. Da possível antigüidade da incorporação do VERBado em uma língua ergativa são testemunhas o matsés (Fleck 2003b) e o eskimo (Mithun 1998, Sadock 1980, Tervis 2003): na primeira língua, o nome incorporado foi se gramaticalizando até alcançar o estatuto de prefixo; na segunda, o verbo incorporador foi se gramaticalizando até alcançar o estatuto de sufixo.

Acho duplamente interessante a proposta da falha geológica. À diferença da primeira pista — os papéis semânticos são os que determinam os processos —, ela permite poupar a grade baseada nas funções sintáticas. E ela está na linha de ver as cisões na ergatividade como sintomas da diacronia, sejam elas vestígios pre-ergativos, ou inovações no caminho da reacusativização. Para firmar essa pista, porém, tem que se documentar a presença, em línguas ergativas, de mecanismos de mudança de valência que sejam intrinsecamente ergativos. Em termos diacrônicos, mecanismos que poderiam ter surgido durante a fase homogeneamente ergativa da língua, que supomos ser relativamente curta. Desconheço a existência de estudos sistemáticos feitos desde tal enfoque.

Agora, consideremos o Trumái, tal como ele é descrito por Raquel Guirardello (1999). Embora a autora se abstenha de identificar um sujeito nessa língua (1999 : 294), ela aduz bastantes provas de um alinhamento (morfológico e) sintático entre o VERBado e o UNIC. Consideremos, para os fins da argumentação, que nessa língua, e à semelhança da minha análise do Katukína como tendo uma sintaxe ergativa, o VERBado é sujeito e o VERBador

⁸ Há contra-exemplos, tanto à formulação semântica quanto à formulação sintática ou morfológica. O causador do Tagalog vai para genitivo (nem para agente, nem para "sujeito", nem para ergativo; Guzman 1992). Para alguns falantes de português (e de francês), há uma construção funcionalmente aplicativo em que o incremento vai para sujeito (nem para paciente, nem para objeto, nem para acusativo): "Nossa! Eu tive um dia ruim. **Eu tive o carro roubado, o pé cortado, e a mulher internada.**" (ouvido por Walkíria Praça, hospital de Ceilândia D.F., 04.03.2004).

⁹ Estas considerações remetem a fatos totalmente independentes do alinhamento ergativo que observamos quando uma língua admite incorporação do VERBado e do UNIC, criando um absolutivo nesse respeito. (Visto de mais perto, este alinhamento não é de cunho ergativo, e sim revelador de um padrão de intransitividade cindida: nunca um UNIC semânticamente agentivo se incorpora.)

objeto. O duplo ergativo da construção causativa *trumai* (Guirardello, neste volume) deve ser testado em termos estritamente sintáticos. Se o resultado for que o sintagma nominal ergativo representando o causador tem as mesmas propriedades do que o sintagma nominal ergativo representando o VERBador do verbo original divalente, estamos em frente de um caso canônico de duplo objeto.

O *Trumái* representaria, na sua construção causativa, o que estamos procurando documentar: uma mudança de estrutura argumental prototipicamente ergativa. Transpondo no plano diacrônico, a construção causativa teria surgido na fase já ergativa da língua, como a reconstrução proposta pela autora mesma sugere.

A conclusão à que nos levaria o *Trumái* é que pode haver mudanças de estrutura argumental cujas características — incomuns, reconheço — decorrem diretamente do fato de terem sido geradas no bojo de uma sintaxe ergativa. A conclusão à que nos leva o *Katukína* é a existência de cisões de um tipo diferente aos tradicionalmente reconhecidos: a divisória passa entre a construção oracional básica e a construção oracional derivada por processos de mudança na estrutura argumental.

O programa de pesquisa consiste, primeiro, em documentar os dois tipos de construções derivadas por mudanças na estrutura argumental, o tipo *trumái*, genuinamente ergativo segundo minha interpretação, e o tipo *katukína*, de cunho acusativo dentro de um contexto fortemente ergativo. Depois, se o tipo *trumái* se confirmar como sendo relativamente escasso, verificar uma possível correlação entre este fato e a supostamente curta duração de vida dos padrões ergativos homogêneos. Em fim, para o tipo *Katukína*, confirmar a validade da hipótese da falha geológica.

- Craig, C. & Hale, K. (1988) "Relational Preverbs in some Languages of the Americas : Typological and Historical Perspectives" *Language* 64.2, pp. 312-344
- Fleck, David W. (2003a) *A Grammar of Matses*, Ph.D. Thesis, Houston, Rice University
- Fleck, David W. (2003b) "Prefixation vs. Noun Incorporation in Matses" ms.
- Guirardello, R. (1999) *A Reference Grammar of Trumai*, Ph.D. Thesis, Houston, Rice University
- Guzman, V. P. de (1992) "Morphological evidence for primacy of patient as subject in Tagalog" Ross, M. D. (ed.) *Papers in Austronesian Linguistics* 2, 87-96
- Keenan, E. & Comrie, B. (1977) "Noun-Phrase Accessibility and Universal Grammar" *Linguistic Inquiry*, 8.1, pp. 63-99
- Kimenyi (1980) *A Relational Grammar of Kinyarwanda*, Berkeley, University of California Press
- Marantz, A. (1985) *On the nature of grammatical relations*, Cambridge, MIT Press
- Mithun, M. (1994) "The Implications of Ergativity for a Philippine Voice System" Fox, B. & Hopper, P. J. (eds.) *Voice and Function*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 247-277
- Mithun, M. (1998) "Yup'ik Roots and Affixes" *Languages of the North Pacific Rim*, 4, Kyoto, 63-76
- Mithun, M. (2000) "Valency-changing derivation in Central Alaskan Yup'ik" Dixon, R.M.W. & Aikhenvald, S. *Changing valency. Case studies in transitivity* Cambridge, Cambridge U. Press, 84-113

- Queixalós, F. (2002) 'Ergatividade em Katukína' in *Ergatividade na Amazônia I*, Brasília, UnB
- Sadock, J. M. (1980) "Noun Incorporation in Greenlandic: A Case of Syntactic Word Formation" *Language*, 56.2, 300-319
- Tersis, N. (2003) "Incorporation nominale en inuit" apresentação oral em *L'incorporation nominale. Journée scientifique du CELIA*, Paris, 12 dezembro
- Weir, H. (1997) "Incorporation in Nadëb" PAYNE, D. (ed.) *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*, U. of Texas Press, Austin